

Educação, mulher e cidadania no Pará (1901-1908)¹

Odozina Farias BRAGA²

Este trabalho traz como proposta uma discussão em torno da instrução feminina elaborada pelas primeiras administrações republicanas paraenses no início do século XX. Inicialmente serão analisadas as propostas higienistas associadas a um projeto educacional de cunho positivista que visava construir uma “geração sã” de “trabalhadores ordeiros” e identificados com os ideais republicanos. E, finalmente será discutida a função atribuída às mulheres nesse processo de formação de uma população “disciplinada” e “ciente de seus deveres”.

O comércio próspero da borracha na Amazônia, e em especial na cidade de Belém por atuar como principal porto de escoamento desse produto, permite aos administradores públicos desta capital em consonância com os interesses da classe dominante local - entre meados do século XIX e início do XX - o embelezamento de seus espaços públicos. Contudo esse embelezamento não se restringe sobretudo à esfera física da cidade - para entrar em sintonia com a Europa refinada e exprimir o poder da classe abastada e garantir a reprodução do capital - mas também procura se concretizar através do plano educacional uma vez que se faziam necessários corpos e mentes disciplinados para assegurar a efetivação e manutenção dessa nova sociedade que é, também, republicana.

Com a lei nº 187 de 17/ 03/ 1898 ficaria o Intendente de Belém autorizado a entrar em acordo com o governo do Estado do Pará num plano de embelezamento e saneamento para a capital. Para tal é nomeada uma comissão para traçar e apresentar esse plano, uma vez que a municipalidade só com seus recursos não poderia realizar a tarefa isoladamente.³ Essas ações reformistas atravessarão o plano físico abrangendo também uma proposta de reformulação da educação pública. Haja vista que, há por parte das classes mais abastadas uma necessidade em limitar os espaços físicos e sociais dos homens e mulheres habitantes do Estado, sobretudo da capital através de uma reordenação de seus hábitos e costumes. Claro que não será uma tarefa tranquila, por mais que as estratégias de modernização⁴ lancem mão de poderosos instrumentos ideológicos e de manipulação para que as pessoas se tornem alienadas e impotentes diante de tal situação.⁵

Assim a elite dominante vai tentando efetivar a construção de uma modernidade na urbe belemita onde ao lado do forjado desenvolvimento e progresso vai caminhando

um quadro muito grande de miséria que compromete esses ideais de modernização aqui incorporados.⁶

Entre as ideologias que por aqui desembarcam neste período, o pensamento médico higienista advindo da Europa, que versa sobre a salubridade e disciplinarização dos corpos e espaços, parece encontrar pouso fecundo entre os dirigentes desta região que, para garantir sua hegemonia ne-

¹Palestra proferida na IV Semana Acadêmica do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará.

²Especialista em História da Amazônia pela Universidade Federal do Pará e professora do departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará.

³Conselho Estadual de Cultura do Pará. BELÉM, Intendência Municipal de Leis e Resoluções Municipais. Belém, 1889, p.12.

⁴O conceito de modernidade aqui trabalhado está relacionado com o início do processo de mecanização industrial, que, na realidade, ainda não cessou, ocorreu com a Revolução Industrial, que colaborou para estabelecer o sistema capitalista industrial. A partir daí as transformações históricas produzidas implicaram mudanças em todas as dimensões da vida humana, desde os aspectos materiais (maior produção de alimentos) até os sociais e subjetivos (surgimento de uma nova classe - a operária - com modo de vida determinado pela indústria, a necessidade de rapidez e pontualidade, a magia da luz elétrica). Um dos dados mais visíveis desse processo foi o crescimento, na Inglaterra, das cidades vinculadas de algum modo às indústrias. Por isso, o historiador inglês Eric Hobsbawm afirmou que “a cidade era, sem dúvida, o mais impressionante símbolo exterior do mundo industrial, exceção feita à estrada ferro”. Essas transformações em todos os setores da vida humana, individual e coletiva, ocorreram inicialmente na Inglaterra. Somente a partir das últimas décadas do século passado elas se projetaram por toda a Europa. Apesar de toda essa expansão e evolução, o crescimento urbano foi repleto de contradições, apresentando um lado perverso e caótico. O incessante processo de crescimento urbano gerou uma série interminável de graves problemas, sofridos, geralmente pelas populações mais pobres. O incontrolável crescimento das populações, a falta de moradia, os problemas com o abastecimento de alimentos e de água, a insalubridade geradora de epidemias, o subemprego ou desemprego, a violência e mendicância também foram partes constitutivas do quadro urbano e, que entendemos fazer parte do universo belemitense na virada desse século fazendo surgir por aqui - a partir das preocupações burguesas em garantir sua hegemonia e/ou a reprodução do seu capital - entidades públicas e privadas que terão como tarefa educar, disciplinar, controlar e reformar a população e o espaço físico citadino, tomando como exemplo as ações remodeladoras e de planejamento urbano, realizadas em Londres e, principalmente em Paris que foram determinadas para consolidar esse urbanismo.

⁵Gostaria de enfatizar que, na capital do Pará - mesmo sofrendo um processo de urbanização aos moldes europeus discutido anteriormente - configura-se uma realidade diferenciada da europeia que, nem é substância autêntica e nem periférica de uma dimensão internacional do capitalismo, mas uma síntese originária da absorção e deslocamento desse contexto mais amplo. Sobre a questão ver: HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma - A Modernidade na Selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp.187-203.

⁶Segundo M^o de Nazaré SARGES “... as contradições sociais inerentes ao sistema capitalista afloram muito mais, visto que o desenvolvimento econômico do capitalismo, trazia em seu bojo o paradoxo do progresso da modernidade, onde convivem a miséria, a prostituição e toda uma gama enorme de desgraças sociais com o fausto e o luxo de uma burguesia que consumia, fundamentalmente o importado.” Riquezas Produzindo a Belle Époque; Belém do Pará (1870/1910). Recife, 1990. Tse. (Mestrado em História), UFPE, 1990.

cessitam investir na construção de novos homens e mulheres capazes de suportarem uma nova ordem política, econômica e social - o regime republicano.⁷

De acordo com a nova mentalidade que se configurava na Europa do XIX a respeito do espaço urbano devidamente higienizado a cidade belemense desde os tempos que antecederam a República já deixavam muito a desejar. Em seu relato⁸ construído em meados do XIX, Bates descreve essa cidade suja e decadente - agora combatida pela elite local republicana - onde somente das ações governamentais partiam tímidas iniciativas de preservação destes espaços. Somente com a disciplina diz o viajante seria possível reverter este cenário trazendo seus habitantes à condição de pacificidade e reconstrução do belo. Conta ainda que as gentes ocupavam em sua maioria a rua dos pobres de aparência desalinhada e humilde, dividindo o espaço na urbe com as ruas centrais onde estavam localizados os prédios públicos e as casas das famílias ricas. Neste contexto o progresso necessário à cidade é visível, segundo o naturalista, apenas por meio do comércio que refloresce, das ações governamentais de homens públicos dotados de espírito empreendedor que mandavam abrir novas avenidas orladas de coqueiros e do sistema de ensino público. Aos homens e mulheres porém faltava uma adequada dose de virtude e inteligência para conduzir a nação a uma grande prosperidade pois no momento estes habitantes desprovidos de iniciativa e habitando uma cidade que distava ainda das cidades modelos européias como Paris e Viena enfrentavam alguns problemas que pairavam em grande parte sobre essas urbes da Europa do século XIX⁹ tais como a epidemia de febre amarela que assolou Belém em 1850.¹⁰

Assim, essa percepção de cidade suja e desordenada, verdadeiro caos aos objetivos republicanos no poder iria justificar uma necessidade de progresso para a região, pautado na higienização e de disciplinarização dos habitantes da cidade, para então varrerem o que consideravam resquício dos séculos passados. O trabalho nesse processo iria necessitar de disciplina uma vez que o homem religioso de outrora dava-se mais às comemorações do que ao labor. Seria fundamental para os dirigentes dessa nova sociedade em construção ganhar espaço para o trabalho como o da construção de ferrovia, da navegação a vapor e do comércio.¹¹ Conferindo a cidade e aos seus moradores pureza, ordenação e desenvolvimento, que se anunciaria a partir dos cânones positivistas da ordem e do progresso.

Essa remodelação do contexto cultural belemense tem sobretudo intenção de desenvolver-se aos moldes do que vinha se processando nos centros urbanos de algumas cidades européias enquanto necessidade de se reformular o espaço citadino a fim de que esse espelhasse o poder burguês através do luxo industrial e de uma nova sensibilidade.¹²

A partir de então como num artigo intitulado *Geographia Physica, Clima, Temperatura e Salubridade*¹³ assinado pelo Barão de Marajó em 1900, é visível a preocupação da elite local em desconstruir essa imagem insalubre e desordeira dos

séculos anteriores à recém-proclamada sociedade republicana paraense a fim de capturar maiores recursos financeiros dos investidores externos, e assim dilatar seu capital.

Nesses escritos o autor reconstrói um sociedade paraense saudável baseado num clima regional que seria influenciado pelo seu significativo número de rios responsáveis pelo grau de umidade local mas que entretanto não dariam os resultados perniciosos que têm-se atribuído arbitrariamente à região:

*...não se encontra aí nem a temperatura de 35° e 40° que em parte do ano se encontra em Madrid, Lisboa, Nova-York, e mesmo na Itália, nem tão pouco os frios de 18°, que algumas das localidades, assim como S. Petersbourg, Londres, a Suécia, a Noruega oferecem durante meses aos seus habitantes.*¹⁴

Contudo, nos diz ainda o Barão, com as comunicações naquele início de século (1900) efetuadas entre os diferentes países graças ao avanço tecnológico do momento que as tornaram mais frequentes, cómodas e rápidas, têm se permitido que estas regiões sejam visitadas por comerciantes, *touristes*, naturalistas e geógrafos de nomes reconhecidos e respeitados, que têm atenuado através de suas pesquisas e divulgações a errada opinião de insalubridade legada à região paraense.

Entre os testemunhos que servem para ratificar seu discurso são arrolados pelo Barão de Marajó alguns estrangeiros que por aqui passaram: Maury, considerado pelo autor do artigo como o grande geógrafo americano, diz ter a América do sul um clima agradável, apesar de, em certas épocas haver frequentes aguaceiros; H. Smith, que exalta a região ao contar que tendo percorrido o Amazonas por 4

⁷DONZELOT, Jacques. A Polícia das famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1986, pp. 30-38.

⁸BATES, Henry Walter. Um naturalista no Rio Amazonas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

⁹BRESCIANI, M^a Stella. Metrópole: As faces do Monstro Urbano - as cidades no século XIX. Revista Brasileira de História. São Paulo, volume 5, n^o 8/9, pp.35-68, 1985.

¹⁰BATES, Henry Walter. Op. cit. p. 30.

¹¹BATES, Henry Walter. Op. cit. p. 10-13.

¹²"O desenvolvimento das forças produtivas deixou em pedaços os símbolos dos desejos do século anterior, antes mesmo que desmoronassem os monumentos que os representavam. No século XIX, tal desenvolvimento emancipou as formas configuradoras da arte, assim como no século XVI as ciências se livraram da filosofia. O início disso é dado pela arquitetura enquanto construção de engenheiro. Em seguida vem a fotografia enquanto reprodução da natureza. As criações da fantasia se preparam para se tornarem práticas enquanto criação publicitária. Com o folhetim, a poesia se submete à montagem. Todos esses produtos estão a ponto de serem encaminhados ao mercado enquanto mercadorias. A valiação dos elementos oníricos à hora do despertar é um caso modelar de raciocínio dialético. Por isso é que o pensamento dialético é o órgão do despertar histórico" BENJAMIN, Walter. Paris capital do século XIX. São Paulo: Ática, 1985, p.30

¹³Conselho Estadual de Cultura do Pará. Barão de Marajó. *Geographia, Physica, Clima, Temperatura e Salubridade*. PARÁ. Governo do Estado. O Pará em 1900. Pará, 1900, pp. 11-13.

¹⁴Conselho Estadual de Cultura do Pará. Barão de Marajó. *idem*. p. 11.

anos nunca teve febre o que não se repetiu em Ohio nos E.U.A no qual esteve 3 dias e adoeceu; Wallace, que percorrendo durante 4 anos a região amazônica ficou impressionado pela sua maravilhosa frescura, brilho da atmosfera e odorífera doçura das noites, as quais segundo o viajante não podem ser comparadas às de nenhum outro lugar que tenha visitado; Bates, que em seu livro *Naturalist on the river Amazon* lega a esta região um dos climas mais agradáveis do mundo. E o Barão afirma que nem Crevaux, nem Wiener, nem Orton sofreram das febres e de mil outras doenças atribuídas ao clima amazônico e, ainda relata que Agassiz disse que, em vez de atribuir as febres ao clima, na maior parte, as devemos atribuir à falta absoluta de higiene ou mais exatamente ainda à transgressão sistemática de suas prescrições.

Então, através de seu discurso vai evocando o povoamento desta região e o usufruto de seus benefícios pois para o Barão há de se cumprir a profecia de Humboldt sobre o Amazonas, isto é,

*cedo ou tarde a civilização do globo abi se concentrará...esta bela província (o Pará) virá a ser a mais rica da América. Estas opiniões valem bem as lumnias dos invejosos.*¹⁵

Ainda nesta linha que discute a questão da higiene e educação para o progresso citadino, Americo campos publica um artigo¹⁶ onde também encontramos um fala que enfatiza a necessidade burguesa de corpos sadios e disciplinados pois segundo Campos, a cidade de Belém quase na orla do Atlântico, recebe fresca, branda e constante a ventania oceânica, atenuadora da fadiga e do suor que é encontrado em muitos pontos, qua'quer que seja a hora. À ação combinada do calor, da luz, da ventania e do cuidado humano devem-se as boas condições de higiene encontradas na capital do Estado do Pará.

Para o Dr. Americo campos é fácil manter o asseio superficial, já pela fiscalização rigorosa exercida pela empresa de limpeza pública, sendo as ruas varridas com vassouras mas já havendo necessidade de se introduzir brevemente máquinas para tal serviço.

Afirma que além de povoações onde os residentes nesta cidade podem ir veranejar, aproveitando banhos de mar ou usufruir da possibilidade de vinda diária ao centro dos negócios, possui Belém praças ajardinadas e um sem número de largas ruas arborizadas onde também as casas obedecem às exigências do clima, claras e bem ventiladas, sendo ordinariamente térreas ou assobradas. As estalagens, cortiços, ressalta, tendem a diminuir e os ainda existentes estão sujeitos à rigorosa vigilância. Assim seus escritos vão delineando uma espécie de cartão postas da cidade capaz de conferir-lhe uma imagem positiva.

Sobre os bons hábitos da população paraense o autor relata que esta é rigorosamente cuidada com a limpeza do corpo. Raro, raríssimo mesmo é quem não toma banho diariamente, ensaboando-se. Os banhos ordinariamente são efetuados nos próprios domicílios sob o chuveiro, em tanques ou bacias. A isto se acresce o uso de trocar diariamente a roupa. Esses mesmos cuidados de limpeza são observáveis

até mesmo entre os habitantes da classe mais baixa, da mais ínfima condição social. Acrescenta que cresce também entre a população o gosto pelos exercícios musculares, tendo estes ainda uma preocupação em desenvolver fisicamente o indivíduo, tornando-se mais robusto. Para isso, *além de sociedades sportivas que visam este desideratum, o governo manda ensinar gymnastica e obriga os alumnos das escolas publicas a conhecerem os principais rudimentos desta arte*¹⁷.

Contudo pondera Campos - e aqui deixa claro uma contradição da sua cidade modernizada - apesar da adoção de todos esses bons hábitos a mortalidade infantil continua sendo uma questão grave que necessita de cuidados especiais do Estado um vez que os infantes do presente serão os cidadãos do futuro. Para isso o governo, segundo o autor, não tem poupado sacrifícios em prol das crianças, custeando estabelecimentos modelos onde essas receberiam educação higiênica, literária, profissional, física, cívica e moral. As escolas iriam crescendo assim proporcionalmente à população ou ainda suas construções iriam sendo justificadas pela necessidade de higienização e ordenação dos indivíduos que vivem em sociedade - e quiçá pretende a elite local - moderna.

Assim para combater esse mal o poder público vai investindo em algumas ações que garantam uma higienização do lugar e dos sujeitos como as normas publicadas¹⁸ sobre alguns preceitos de vigilância a serem cumpridas pelas escolas e conferidas posteriormente pelos inspetores de higiene, são essas: as salas de aula devem ser limpas e ventiladas, não se pode aglomerar em salas de aulas mais alunos do que esta comporta; não deve ser aceito na escola o educando que não for bem vacinado e não estiver livre de moléstia contagiosa ou repelente; são proibidos os castigos físicos; não devem ser admitidos alunos sujos nas classes; a mobília da escola deve ser conforme a boa regra da higiene. Essas medidas escolares são tomadas porque entendem os governantes ser o ambiente escolar o local onde as crianças passam a maior parte do tempo e um veículo pelo qual se pode também incutir nos infantes desde já uma instrução higiênica e de bons hábitos morais.

Ainda sobre a questão Revista Oficial de Ensino A Escola, datada de 30 de Outubro de 1900, publica um artigo de Lyra de Castro que, também mostra uma preocupação em torno da questão da higiene escolar,¹⁹ afirma que não é o clima da região a causa principal do mal que alcança as crianças do Pará. A educação física descuidada entre a população seria a causa do enfraquecimento dos corpos e dos espíritos portanto, segue o autor, é necessário que, para aliviar tal dano se ocupe o poder público juntamente com os especialistas de área de alocar espaços adequados para a construção de novas escolas e/ou a reformulação

¹⁵Conselho Estadual de Cultura do Pará. Barão de Marajó. idem. p. 13.

¹⁶Conselho Estadual de Cultura do Pará. Americo campos. Higiene e Educação. PARÁ, Estado do. O Pará em 1900. Pará, 1900, pp. 103-110.

¹⁷Conselho Estadual de Cultura do Pará. Americo Campos. idem. p. 110.

¹⁸Conselho Estadual de Cultura. A ESCOLA. Revista Oficial de Ensino. Pará, 1900, p. 127.

¹⁹Conselho Estadual de Cultura do Pará. Lyra de Castro. idem. p.25.

das já existentes uma vez que a escola é o centro de reunião de centenas de crianças que aí buscam instrução e passam grande parte do seu tempo.

Segundo ainda Lyra de Castro:

É, por consequente, de fácil intuição, que o primeiro cuidado do hygienista deve versar sobre a construção do prédio destinado à escola...(pois)...o que são nossas escolas, no interior como na capital, não há quem ignore. O mais rudimentar preceito hygienico não preside à escolba das casas onde ellas devem ser instaladas. Quando não lhes falta a luz convenientemente, são hermidas, e mal arejadas, e em geral dispõem de espaço demasiado defficiente para as crianças...Nada mais nobre; nada mais útil e nada mais patriótico do que a reforma....n'esta parte do ensino, porventura a mais importante.²⁰

Assim não bastaria somente a ação isolada do governo mas seria também necessário que as escolas e colégios particulares fossem sujeitos à normas regulamentares que exigissem destas uma prática baseada nos princípios higienistas e ainda para as autoridades locais seria conveniente que nenhuma casa de instrução fosse aberta sem licença da Diretoria de Saúde Pública, a qual só deveria ser concedida após examinados os prédios destinados à educação por uma comissão de profissionais da área de saúde. Como local habitado, deveria a escola reunir todas as condições de salubridade desejáveis; como centro de trabalho pedagógico deveria se prestar à realização de todos os exercícios escolares, não esquecendo, como fator importante, a distribuição da luz e do som.²¹

Desde o início da República no Pará já havia esse interesse em se reconstruir os espaços públicos destinados a instrução como podemos perceber na administração Paes de Carvalho em 1899 através de um discurso no qual o governo prega o seu interesse em aperfeiçoar cada vez mais o sistema de ensino possível somente com a reformulação dos prédios escolares, que segundo o governo tem procurado reformar convenientemente os antigos edifícios escolares e/ou promover novas construções. Neste período, também o Liceu Paraense, a Escola Normal e a Academia de Belas Artes já funcionavam em prédios próprios; em vias de conclusão estava o prédio, em que funcionaria o Instituto Lauro Sodré, com terreno apropriado para o ensino agrícola e também o prédio considerado de primeira ordem, para onde deveria ser transferido o Colégio gentil Bittencourt. Segundo ainda seus idealizadores o material escolar, consideravelmente o melhor, revelaria também o cuidado que merece a instrução no Estado.

Esses discursos que pregam uma cidade idealizada à luz da modernidade européia, carente de um embelezamento viável através da reformulação do seu espaço físico e sócio-cultural vai buscando ao longo do início desse século a reformulação também do ensino público em seus aspectos arquitetônicos, higienistas e pedagógicos.

Em 1902, os regulamentos que regiam a educação primária e secundária, no estado do Pará, eram ainda da época do governo monárquico.

Os governos republicanos logo reconheceram que tais

estatutos da educação não se enquadravam à nova situação política, social e econômico-financeira dos tesouros estaduais e municipais. Deste modo resolveram reorganizar a educação, atribuindo a esta um papel decisivo à manutenção do regime republicano.

O então governador do Estado do Pará, Dr. Augusto Montenegro e o Intendente Municipal Senador Antônio Lemos, em 1903, sob acordo lançam através de leis, uma reforma à instrução que trazia em seu bojo uma educação que deveria anexar o povo à causa republicana e, ainda, por ser complementar à modernização que se empreendia, na cidade de Belém que colhia também os louros da auspiciosa economia gomífera tornando-se, dentro do contexto amazônico, o centro das atenções do mundo capitalista.

A elite dominante no para nesse início de século sob a égide comtiana da ordem e progresso procurará engendrar um projeto de ordenação física e social da urbe que, a partir de então ganhará novos contornos quando da efetivação de políticas públicas sustentadas por uma elite local desejosa em exprimir seu luxo e sua nova sensibilidade made in Europa na esperança de auferir maiores lucros para a região local através de novos investimentos externos e, consequentemente da possibilidade de alargamento de seu capital. Haverá a preocupação em construir uma educação útil aos propósitos republicanos. Por isso entendem, as classes abastadas, ser importante um projeto educacional que alie saúde e educação, binômio essencial à construção de uma nova sociedade sã, forte e disciplinada que se torne o sustentáculo do regime republicano.

Nesse novo modelo de sociedade que é republicana a mulher tomada enquanto aliada deveria ser aquela capaz de gerar cidadãos ordeiros, trabalhadores e afeitos aos bons hábitos e costumes e ao desenvolvimento da nação. Essa concepção de mulher ideal é defendida pelo ideário comtiano que segundo Carvalho²² não mantém maiores divergências com os modelos tradicionais anteriores, contudo, traz em seu bojo um novo paradigma que, supervaloriza as qualidades morais e sociais femininas pensadas a partir do espaço doméstico, sendo essas mulheres peças necessárias a um esforço republicano de instauração de uma humanidade

²⁰ Conselho Estadual de Cultura do Pará. Lyra de Castro. idem. p. 26.

²¹ Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará. PARÁ, Governo do Estado do. Mensagem Dirigida em 7 de Setembro de 1905 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro Governador do Estado. Pará, 1905, p. 34.

²² "...Comte...ainda na esteira do comunitarismo católico, salientou as instituições de solidariedade, hierarquizando-as. Na base ficava a família, seguida da pátria e, como culminação do processo, a humanidade...sua posição em relação à mulher não discrepava da visão tradicional de inferioridade em relação ao homem. Agora, misturando descobertas da biologia e visões católicas-feudais, ele terminou por afirmar a superioridade social e moral da mulher sobre o homem. Tal superioridade se basearia no fato de a mulher representar o lado afetivo e altruístico da natureza humana, ao passo que o homem seria o lado afetivo e egoísta. A mulher, como demonstraria a biologia, seria a principal responsável pela reprodução da espécie, enquanto o homem se prestaria mais à transformação do ambiente, à atividade industrial. Na preservação da espécie o papel da mulher não se limitaria à reprodução, mas se daria especialmente na família, em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão. CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 130.

ordeira e progressista. Assim, a educação feminina passa a ser também foco de atenção da elite dominante que não mede esforços em querer construir um exército de mulheres vigorosas, aptas ao lar dos trabalhadores e capazes de estabelecer a desejada ordem e moralidade no seio da nascente sociedade republicana.

A concepção comitiana de superioridade feminina via afetividade e altruísmo estará presente enquanto eixo norteador na proposta de educação feminina paraense no início desse século,²³ que vêem a mulher como de natureza complementar ao homem, tendo características diferentes das deles e devendo ser educada com objetivos específicos. Sua educação então deve ser feita no sentido de que ela será a responsável pelos homens de amanhã. A finalidade da educação não estava portanto, nela mesma, mas fora dela, na sua extensão, que são os seus filhos e, sua função social giraria, em torno da ação maternal construída através de uma educação primária e doméstica. Portanto, para que cumprissem sua função social as mulheres do início século XX recebiam uma instrução disciplinarizadora e moralizadora compatível com o seu provável futuro nessa nova sociedade.

Referências Bibliográficas

- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas. Belo Horizonte*: Itatiaia, 1979.
- BENJAMIN, Walter. Paris capital do século XIX. São Paulo: Ática. Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará. PARÁ, Governo do Estado do. *Mensagem Dirigida em 7 de Setembro de 1905 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro Governador do Estado. Pará*, 1905
- BRAGA, Odozina Farias. *Almofada e Bastidor: uma proposta de educação feminina*. Belém do Pará (1902/1908). (T.C.C. História) UFPA, Belém, 1990. mimeo.
- BRESCIANI, M^a Stella. *Metrópole: As faces do Monstro Urbano - as cidades no século XIX*. Revista Brasileira de História. São Paulo, volume 5, n° 8/9.
- CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas. São Paulo: *Companhia das Letras*, 1990 Conselho Estadual de Cultura. A ESCOLA. Revista Oficial de Ensino. Pará, 1900 Conselho Estadual de Cultura do Pará. Américo campos. *Higiene e Educação*. PARÁ, Estado do. O Pará em 1900. Pará, 1900. Conselho Estadual de Cultura do Pará. Barão de Marajó. *Geographia, Physica, Clima, Temperatura e Salubridade*. PARÁ. Governo do estado. O Pará em 1900. Pará, 1900. Conselho Estadual de Cultura do Pará. BELÉM, *Intendência Municipal de Leis e Resoluções Municipais*. Belém, 1889.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma-A Modernidade na Selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SARGES, M^a de Nazaré. *Riquezas Produzindo a Belle Époque; Belém do Pará (1870/1910)*. Recife, 1990. Tese. (Mestrado em História), UFPE, 1990.

²³...Os educandários filantrópicos direcionados à educação destas mulheres definiam com clareza em seus regulamentos o caráter e objetivos diferenciados de suas instruções....Art. 1º - o Instituto Gentil Bittencourt tem por fim dar instrução primária e educação moral e doméstica a orfãs desvalidas...As cinco alunas que saíram do orfanato Antônio Lemos para casar-se tornaram-se todas verdadeiras mães de família. BRAGA, Odozina Farias. *Almofada e Bastidor: uma proposta de educação feminina*. Belém do Pará (1902/1908). (T.C.C. História) UFPA, Belém, 1990. mimeo.